

---

# CIDADES, Comunidades e Territórios

---



## A importância da “Rocade des Hauts Plateaux” para o desenvolvimento das Planícies Altas na Argélia (*Villes Nouvelles*)

Pedro Mezia Lopes<sup>1</sup>, ISCTE-IUL, Portugal

### Abstract

This paper, originating from work within the ISCTE-IUL PhD Programme in Architecture of Metropolitan Contemporary Territories, intends to motivate a better geographical, demographic, economic and architectural understanding of part of a possible territory for intervention in the near future to Portuguese architects in the Algerian market. The territory of the Algerian High Plains will be described as associated to the construction of the "Rocades des Hauts Plateaux" (and the East/West Highway), and its importance for the development of the *Villes Nouvelles* (a comparison with the French phenomenon in the 1960s). A case study will be set forth as an example of the programme *Villes Nouvelles – Bougezhoul*, as well as its connection with the issues earlier described and with others in project/ construction on Algerian territory. The time frame of this study is intended to cover the periods from the 1960s to 2010 (decline of the High Plains), and the period from 2010 to 2020 (possible evolution of the High Plains by contagion with the *Villes Nouvelles*). We also intended to reflect on the most common habitation type in the periods mentioned above. Subsequently, this article will be part of the PhD Thesis “10 years of Portuguese architectural intervention in the Maghreb – Algeria”, which will try and project the future viability of the Portuguese intervention in the Algerian territory.

**Keywords:** Portugal/ Algeria; Algerian High Plains; Architecture; *Villes Nouvelles*; Bougezhoul.

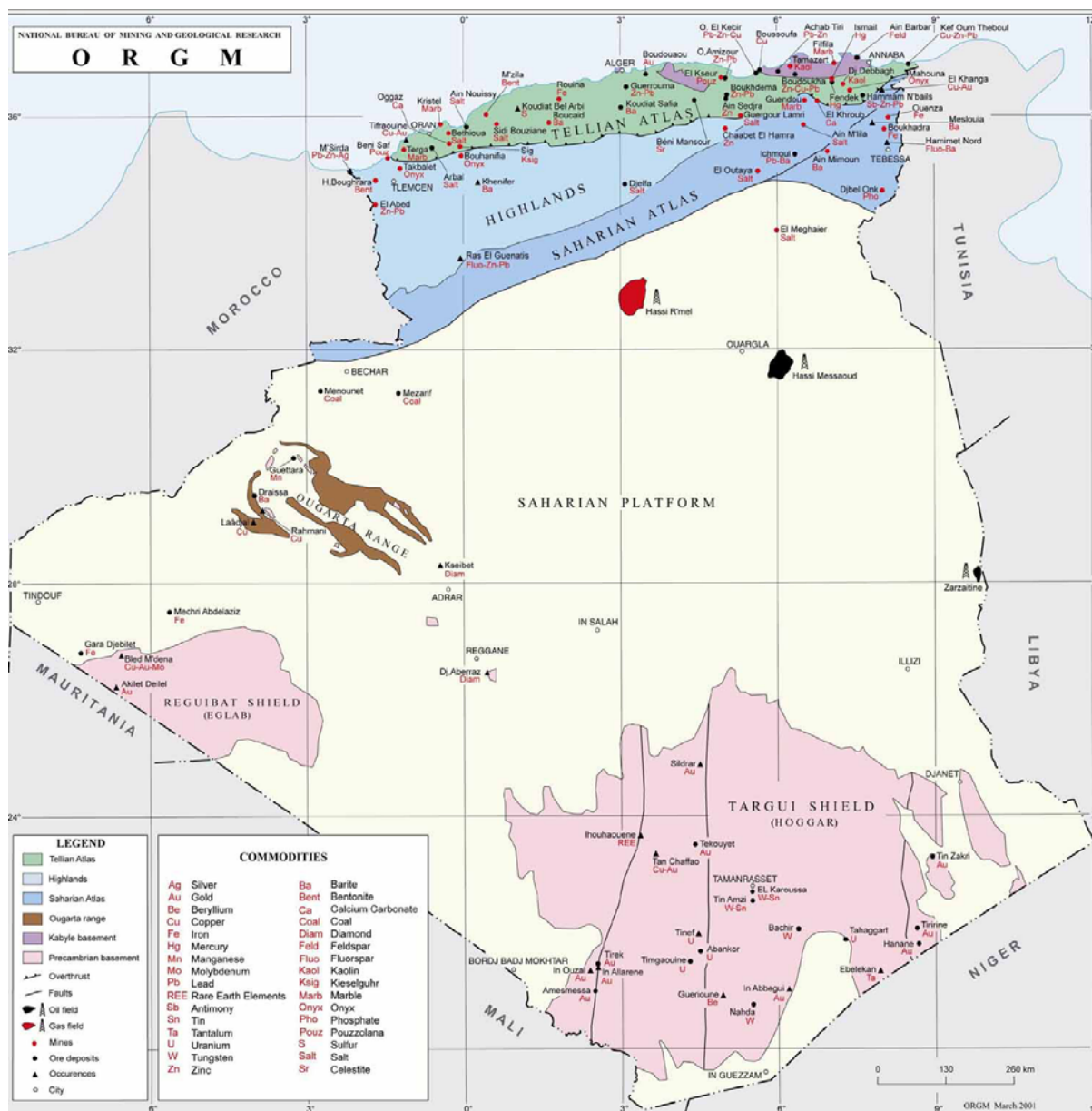
### 1. Identificação e Caracterização

O território ocupado pelas Planícies Altas integrado em território argelino está localizado entre duas cadeias montanhosas definidoras da geografia argelina. Identificadas na imagem em baixo como ‘Tellian Atlas’ (zona norte adjacente ao mar mediterrâneo), e ‘Saharian Atlas’ (zona sul adjacente à plataforma do deserto do Sahara). Aquando da libertação do domínio francês em 1962 e da implementação posterior do programa de desenvolvimento empreendido pelo Estado, a Argélia passou por alterações bastante significativas em vertentes fraturantes do desenvolvimento territorial. Verificou-se uma rutura em três perspetivas fundamentais, sendo que a política é a mais óbvia e imediata, mas também do ponto de vista económico e espacial se notam alterações importantíssimas para o que conhecemos hoje do território argelino e, em especial, da zona das Planícies Altas aqui em estudo.

---

<sup>1</sup> pedro.mezia.lopes@gmail.com

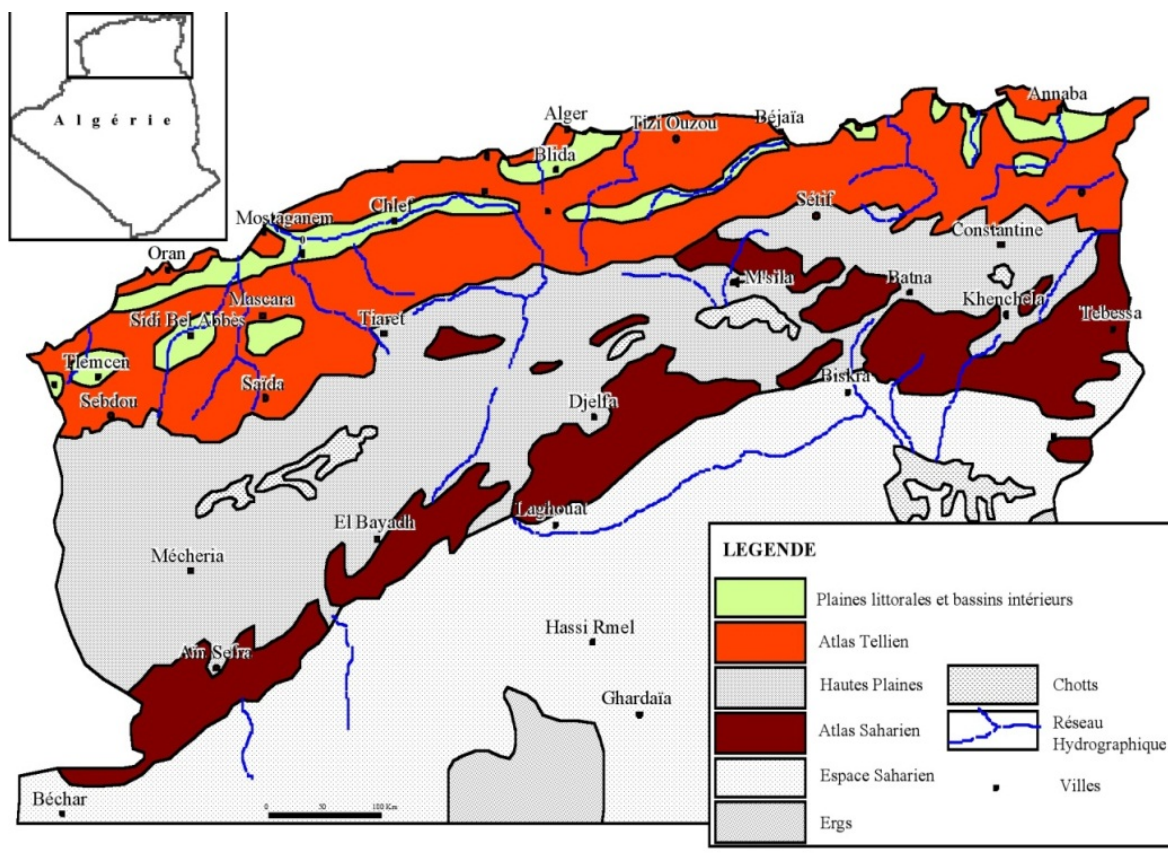
**Figura 1. Planta da Argélia representativa das diversas zonas de relevância geográfica, com identificação da zona em estudo (*Highlands*)**



Fonte: Office National de la Recherche Geologique et Minière.

De acordo com a ideologia política implementada, em que o Estado na sua essência é um poder com carácter centralizador, e em que lhe é dada primazia na condução de projetos nacionais de desenvolvimento, na maior parte dos casos sem qualquer preocupação com a identidade de cada região, acabou por promover-se desigualdades e impulsionar-se economias regionais enfraquecidas, principalmente nas zonas rurais, como é o caso da zona em estudo. Pode-se afirmar portanto que, após 1962, ano da independência argelina do domínio francês, ainda que de uma outra forma, continuou a negligenciar-se o modo de vida rural de uma região tal como estava a ser feito durante a ocupação francesa, nessa fase com a patente preocupação acrescida de uma desconstrução do nomadismo e do pastorício desta região, quer socialmente, quer economicamente.

**Figura 2. Planta da região com identificação das Planícies Altas, assim como da sua geografia confinante**



Fonte: M. Hadeid (2009).

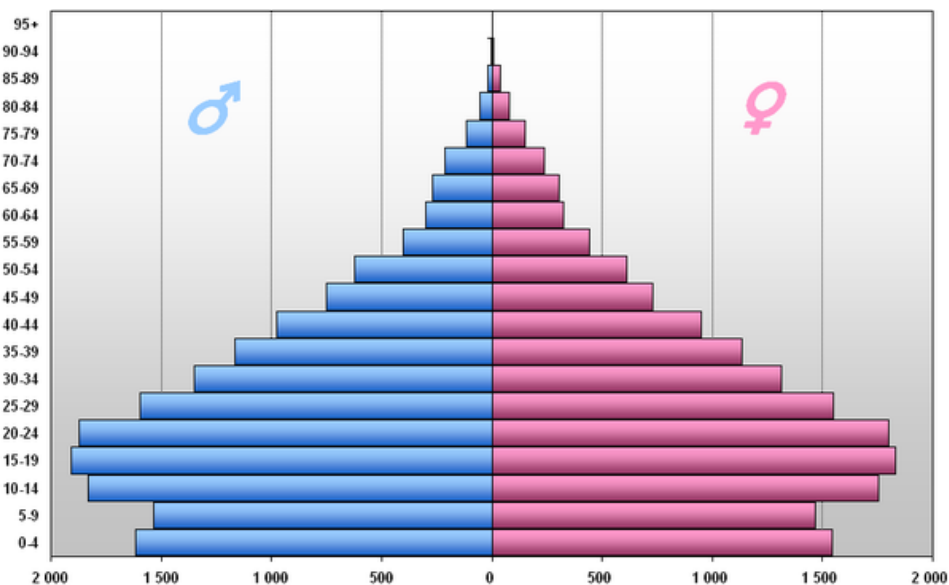
Durante décadas, foi-se assistindo ao empobrecimento nos mais diversos níveis (populacional, cultural, económico, entre outros) desta zona por contraste à franca expansão da zona litoral, por si só uma zona à partida já com maiores recursos naturais. É permitido portanto, em jeito de reflexão, fazer um pouco o paralelismo com a relação interior/ litoral verificada em território português. Sendo que, no presente, ao contrário da situação verificada na Argélia, esse êxodo em território nacional estagnou, verificando-se mesmo em algumas regiões uma inversão do mesmo. Logo, pode referir-se que o fenómeno se apresenta em território português de certa forma controlado, ao passo que, em território argelino, tende nesta fase a agravar-se, quer pela enorme taxa de natalidade existente, quer pelo crescente índice de pessoas a habitar em ambiente urbano – 60% em 2008, estimando-se que em 2025 sejam cerca de 80%.

## 2. Problemática e primeiros esforços

Foram as políticas atrás afloradas que promoveram durante as décadas de 1960 a 1970 um êxodo massivo da população desta zona rural (identificada na imagem da página anterior a cor cinza). Cidades como Mécheria, Djelfa, Biskra, Setif e Khenchla viram a sua população nas duas décadas atrás referidas decrescer em cerca de 60%. Por consequência, a zona litoral do território argelino (identificada na imagem da página anterior a cor laranja), tornou-se a partir dos anos 1970, e até aos dias de hoje, densamente povoada, criando assim um desequilíbrio muito frágil no interior do território argelino. Atualmente, cerca de dois terços dos aproximadamente 37 milhões de argelinos vivem em 4% do território ocupado pelo país, precisamente na área litoral atrás referida com pouco mais de 2 milhões de Km<sup>2</sup> (dados do ONS – Office National des Statistiques).

Com uma população bastante jovem e com uma das maiores taxas de natalidade mundiais, estima-se que em 2025 a Argélia tenha mais de 43 milhões de habitantes.

**Gráfico 1. Pirâmide etária da Argélia em 2005 (milhares)**



Fonte: ONU, World Population Prospects, The 2006 revision.

Desde os finais da década de 1970 que existe a preocupação de libertação desta pressão populacional litoral que, pelo aclarado anteriormente, se depreende que tenderá a agravar-se num futuro próximo, tendo vindo a surgir caminhos mais ou menos teóricos de resolução até aos dias de hoje. As Planícies Altas sempre foram vistas como a solução para o problema, dado que ocupam uma área semelhante à ocupada pelo Atlas litoral, 4,2% do território argelino, e com uma densidade populacional baixíssima, rondando os 4 habitantes/ Km<sup>2</sup>, representando na sua totalidade, e de acordo com o RGPH (Censos) realizado em 2008 pelo Office National des Statistiques, apenas 1,5% da totalidade da população argelina. Pelo seu passado recente enquanto colónia francesa, não é de estranhar que a Argélia tivesse privilegiadamente como intenção de resolução de problema de desequilíbrio populacional um modelo francês de meados da década de 1960, que são as *Villes Nouvelles*. Surgiu assim na Argélia, no final dos anos 1970, a política chamada “Opção Terras Altas”, por forma a dar “Profundidade Estratégica” ao país. Existia uma intencionalidade no realçar das palavras “profundidade estratégica”, dado que foram as palavras exactas proferidas pelo atual presidente argelino Abdelaziz Bouteflika, em 2006, aquando de uma reflexão sobre planeamento urbano em território argelino, precisamente sobre a temática do plano atual das *Villes Nouvelles* (que mais à frente iremos abordar através do caso de estudo de Boughezoul), por combate ao desequilíbrio populacional já referido e ao repovoamento da zona das Terras Altas, aqui em estudo.

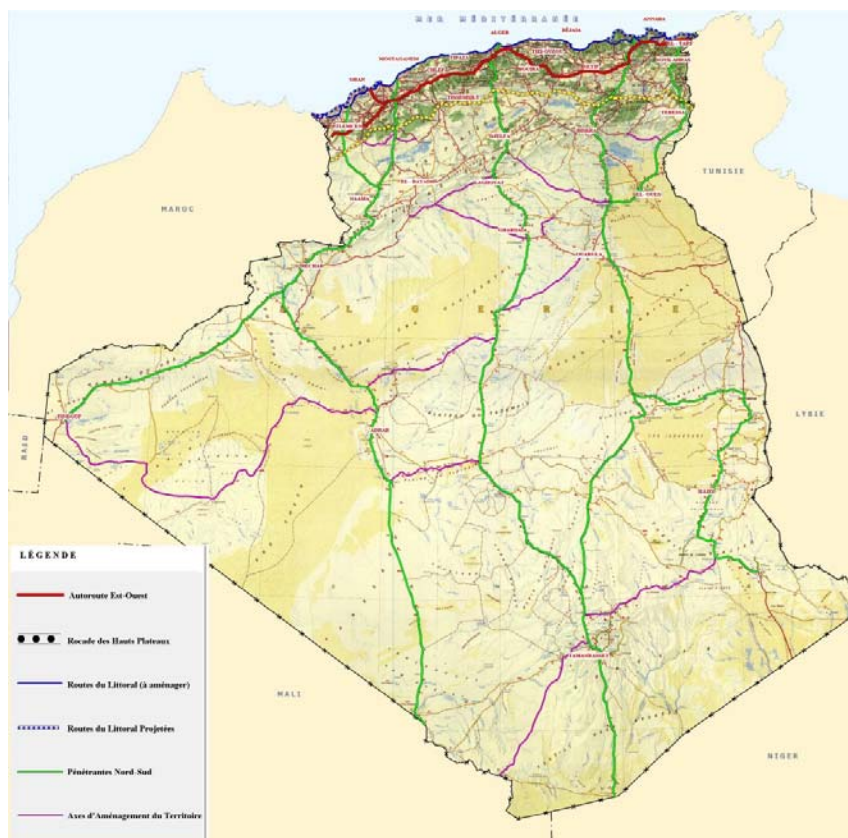
Explicando um pouco o fenómeno das *Villes Nouvelles*, e tal como supramencionado, este surgiu em França a meados da década de 1960, por transposição de um modelo em que o Reino Unido foi pioneiro, cerca de 10 a 20 anos antes. Envolveu um total de nove pontos, entre os quais cinco novas cidades na Île-de-France (arredores de Paris): Sénart, Saint-Quentin en Yvelines, Evry, Cergy, e Marne-la-Vallée. Este género de cidades, de resto também promovidas na mesma época na Holanda, Suécia, Finlândia e Espanha, só para citar alguns exemplos, foram desenhadas segundo a ideia de crescimento evolutivo de uma grande cidade. Dentro de uma política nacional liderada pelo Estado, a principal ideia seria a da terra como vocação principal. De acordo com esta forma de refletir a política evolutiva territorial presente na teorização de Emmanuel Pachaud em *Villes nouvelles: du concept à la réalité*, procuram-se estabelecer três pilares principais ideológicos, sendo eles o Policentrismo, a luta contra grandes aglomerados e a busca pela diversidade social.

Ora, os ideais atrás referidos revelam-se completamente antagónicos às políticas aplicadas até à década de 1970 no território das Planícies Altas, e teriam sido na época um caso de sucesso, não fosse a instabilidade política e económica das décadas seguintes. Aliada a esta instabilidade também a geografia do terreno, conjugada com a fraca rede viária e ferroviária existente no país à época, levou ao esfriar da ideia da construção de *Villes Nouvelles* na zona das Terras Altas.

### 3. A “Rocade des Hauts Plateaux”

A situação volúvel atrás relatada acabou por se arrastar até ao final do século XX (relevada pelo Golpe de Estado de 1992), sem que houvesse até essa data um avanço significativo ao nível das ligações terrestres dentro do território argelino que criassem condições propícias ao avanço deste género de projetos para sul da Argélia, promovendo assim a desejada profundidade estratégica. A partir do ano 2000, surgiu uma Argélia mais estável, em franco crescimento económico e, pouco a pouco, mostrando abertura ao exterior, processo bastante mais tardio que, por exemplo, os seus vizinhos Marrocos e Tunísia. Esta mudança de atitude aliada às necessidades crescentes e diversificadas de uma população jovem, multiplicou o número de projetos fraturantes e de grande dimensão que apareceram um pouco por todo o território. Tendo o Estado como o grande promotor, a Argélia começou no início deste século a estabelecer uma política de construção de equipamentos públicos, habitação social e interligação territorial rodoviária e ferroviária. A primeira grande autoestrada a surgir na Argélia foi a chama Autoestrada Este-Oeste, situando-se, como não poderia deixar de ser, na zona litoral do território, abrangendo assim grande parte da população.

**Figura 3. Mapa da Argélia e Autoestrada Este-Oeste (a vermelho)**



Fonte: [www.ministere-transport.gov.dz](http://www.ministere-transport.gov.dz) (Carte de d'investissements).

O maior problema deste traçado é que não promove o desenvolvimento territorial para sul, aumentando ainda mais a desigualdade verificada, sendo que promove apenas o deslocamento da população e de bens de Este para Oeste e vice-versa. Só com a construção (atualmente a decorrer), da “Rocade des Hauts Plateaux”, foi possível pensar-se de uma forma sustentada o problema evidente da aglomeração populacional litoral, surgindo a oportunidade ideal para implementação de ideias como as atrás mencionadas *Villes Nouvelles*. Esta “Rocade des Hauts Plateaux” terá, quando concluída, cerca de 1020 quilómetros de extensão, dispendo-se no território de forma paralela à referida Autoestrada Este-Oeste, afastando-se da mesma entre 100 a 150 quilómetros, estando por isso no limite Norte da presente zona de estudo das Planícies Altas. Como se pode verificar pela imagem seguinte, entre a “Rocade des Hauts Plateaux” e a Autoestrada Este-Oeste (a laranja), existirão, ao longo da sua extensão, sete pontos de ligação, estabelecendo assim a tão útil ligação franca no sentido Norte/ Sul.

**Figura 4. Mapa da Argélia, na zona do Atlas Litoral e das Planícies Altas (Rocade des Hauts Plateaux, a laranja, ligações (a azul escuro) com a Autoestrada Este-Oeste (a verde)**



Fonte: <http://www.vitamedz.com> (les grands projets d'autoroute est ouest).

Trata-se portanto de um projeto fraturante de extrema importância, e que permitiu, logo após a sua planificação e início da colocação em prática, avançar com outros projetos de repovoamento da região das Planícies Altas. É prática na Argélia pensar-se o investimento público de grande dimensão de acordo com um plano quinquenal, definido para o efeito. Nesse plano são estabelecidas verbas e metas de desenvolvimento nas mais diversas áreas, sendo que, nos dois últimos planos quinquenais existem verbas elevadíssimas para a conceção e construção de diversas *Villes Nouvelles* na zona das Planícies Altas.

#### 4. A Primavera Árabe

Entre 2005 e 2010 foram elaborados diversos estudos, quer para as novas vilas, quer para os próprios equipamentos públicos dentro dessas novas vilas, tendo sido lançados inúmeros concursos públicos internacionais para o efeito. Estabelecendo um cruzamento com a atrás referida Tese de Doutoramento “10 anos de Intervenção Arquitetónica Portuguesa no Magreb – Argélia”, no qual este artigo se integra, muitos arquitetos ou agrupamentos portugueses concorreram a esses concursos internacionais de conceção, tendo alcançado algum êxito nos mesmos.

Quando um jovem tunisino no final do ano de 2010 se imolou reivindicando melhores condições de vida, por certo não pensaria que o seu ato de desespero seria o começo da designada Primavera Árabe, que se espalharia com mais ou menos intensidade um pouco por todo o mundo Árabe. Embora na Argélia, contrariamente ao passado noutros países, o regime se tenha mantido, a tensão não deixou de existir, surgindo inúmeras

manifestações mais ou menos violentas, ilegais desde o golpe de estado de 1992, altura em que o governo decretou o estado de emergência que se mantém até aos dias de hoje. Todo este clima tenso, quer na Argélia, quer nos países adjacentes e/ ou que culturalmente lhe são próximos, provocaram um adiar de investimento e concretização de grande parte dos projetos incluídos no plano quinquenal em vigor à data. Para que se tenha uma ideia, o plano quinquenal em vigor durante a Primavera Árabe acabou por ser aquele cuja taxa de aplicabilidade foi mais reduzida por comparação com todos os outros que o antecederam, tendo sido apenas concretizado fisicamente cerca de 25% do mesmo.

**Figura 5. Imagem de uma das várias manifestações no seguimento do fenómeno da Primavera Árabe em território argelino, neste caso em Argel**



Fonte: D. Boussouh, « Manifestation Algiers », RCD - 01/22/2011.

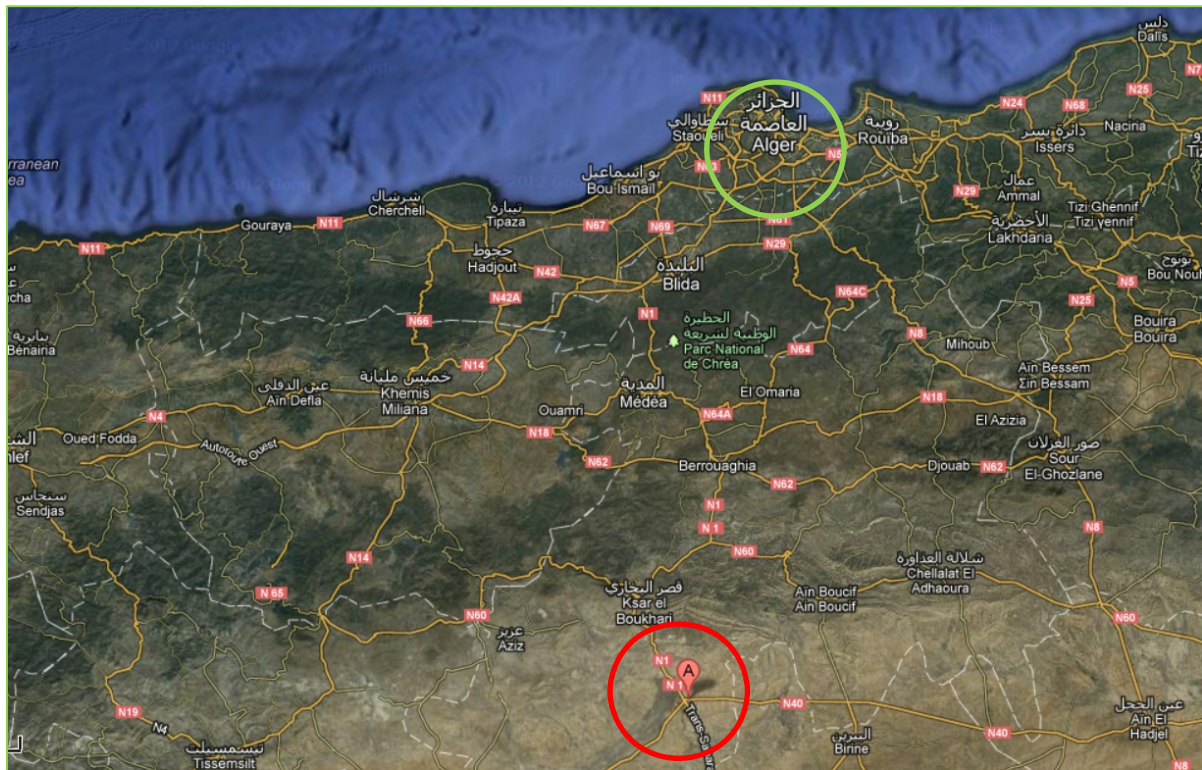
Este “congelar” de mais de um ano, e o arrancar lento da máquina burocrática do estado argelino que se verifica até aos nossos dias, foi um rude golpe para os arquitetos portugueses que desde 2004 tinham vindo a tentar implantar-se na Argélia. Diversos concursos (e até empreitadas de construção), muitos deles inseridos em projetos das *Villes Nouvelles* e ganhos por arquitetos ou agrupamentos portugueses, foram suspensos ou anulados. Outros ainda acabaram por ficar num estado de marasmo sem avanços significativos, revelando-se uma situação economicamente insuportável de manter para ateliers portugueses que procuravam ter uma estrutura de maior ou menor dimensão na Argélia.

Desde o início de 2012, acabou por verificar-se outro fenómeno também interessante, que é o da política extremamente nacionalista patente nos poucos concursos lançados pelo governo argelino, situação aliás que irá ser abordada de forma mais profunda no âmbito da Tese atrás referida. Para o presente tema será importante refletir sobre se esta postura nacionalista e esta estagnação pós-Primavera Árabe irá ser o suficiente para arredar grande parte dos arquitetos portugueses de projetos com cariz bastante apetecível, e que poderiam configurar-se como o escape ideal para um mercado português que se prevê estagnado na próxima década.

## 5. Caso de estudo: Boughezoul

Tal como já foi referido, a *Ville Nouvelle* de Boughezoul é um projeto em estudo desde a década de 70, sendo por isso o mais importante até do ponto de vista publicitário entre aqueles em início de implementação em território argelino. Pensa-se que também por isso seja dos poucos que avança em força atualmente, prevendo-se que esteja concluído em 2025. Por se localizar a apenas 150 quilómetros para Sul da cidade de Argel, por estar adjacente à atrás mencionada “Rocade des Hauts Plateaux” e próxima de uma rota Norte/ Sul ligada à exploração petrolífera, e também por ser um projeto amadurecido já ao longo de quase 40 anos, Boughezoul está, na prática, a ser o porta-estandarte da política que o presidente Abdelaziz Bouteflika pretende implantar. Essa política tem um cariz extremamente nacionalista, sendo acompanhada de forte componente mediática um pouco por todo o País.

**Figura 6. Vista aérea de parte do território argelino, com identificação de Boughezoul, inserida na Wilaya de Medea (vermelho), e de Argel (verde)**



Fonte: Elaboração do autor a partir de Google Maps.



Longe da importância política do projeto inicial dos anos 1970, em que se pensou que Boughezoul pudesse vir a ser a capital administrativa do País, à semelhança de Brasília, a cidade nova que hoje começa a nascer será estratégica para a crescente exploração de gás e petróleo, sendo que grande parte dos seus futuros habitantes estará integrada nessa indústria. Quando pronta, Boughezoul terá capacidade para um total de aproximadamente 400.000 pessoas, tendo inclusive aeroporto próprio. Por influências francesas, pelas quais grande parte da legislação ao nível projetual a Argélia se rege, desde há alguns anos que as normas HQE (*Haute Qualité Environnementale*) começam a ser implementadas pelo que, também a este nível, Boughezoul pretende ser um exemplo, estando o projeto a ser seguido pelo Global Environment Facility (GEF). O principal fundo dedicado ao ambiente público nos países em desenvolvimento, reflecte sobre Boughezoul dizendo: “O *design* e desenvolvimento da nova cidade de Boughezoul é uma oportunidade para apresentar as melhores práticas em arquitetura, urbano de construção, planeamento e construção, bem como promover a investigação e desenvolvimento e novas oportunidades de negócio em resposta à mudança climática, através da criação de condições favoráveis para a transferência de tecnologias limpas que beneficiam a Argélia”.<sup>2</sup>

**Figura 7. Painel publicitário sobre a cidade de Boughezoul localizado perto de Annaba, a mais de 550 quilómetros de distância**



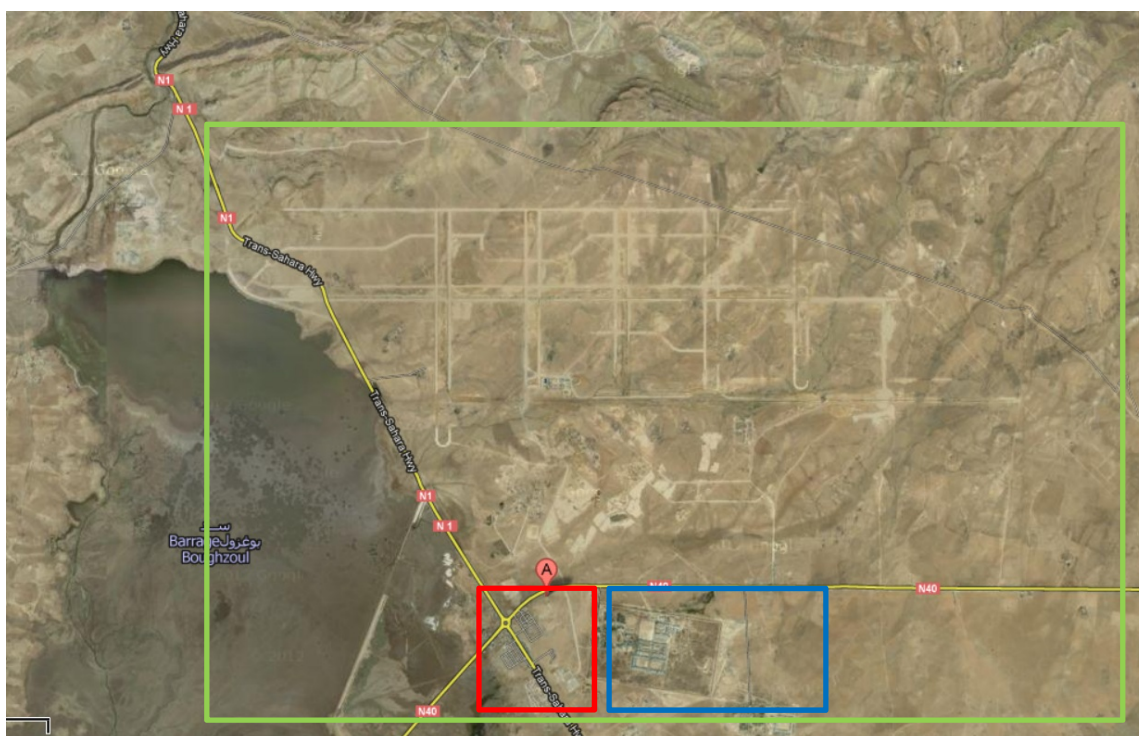
Fonte: <http://www.unep.org/energy/Activities/LowEmissionsProjectDevelopment>.

Espelho deste mediatismo, na imagem acima podemos ver a relevância que o painel publicitário sobre a cidade de Boughezoul, a exemplo dos inúmeros espalhados pelo território argelino, transmite sobre o aspeto da cidade se encontrar adjacente a uma grande bacia de água, à imagem do que frequentemente acontecia em certos exemplos franceses das *Villes Nouvelles*. Se esse aspeto é importante num País como a França, pela transposição

<sup>2</sup> Comunicado à imprensa do Global Environment Facility (GEF), “Low-carbon cities of the future: The new town of Boughezoul, Algeria”.

climática e geográfica para a Argélia, percebe-se que a sua relevância será ainda maior. Como se verifica pela proporção da fotografia aérea à frente apresentada, a atual população de Boughezoul é reduzida, cerca de 10.000 habitantes, passando, como já mencionado, para cerca de 400.000 pessoas em 2025. Esta situação poderá ter consequências bastante marcantes ao nível do mais que possível desenraizamento social e geográfico da população que futuramente a venha a habitar.

**Figura 8. Imagem aérea da área actual de Boughezoul e área que será ocupada pela *Nouvelle Ville*, de acordo com o plano aprovado<sup>3</sup>**



Fonte: Elaboração do autor por cruzamento com o Plano de Massas aprovado para Boughezoul, a partir de Google Maps.

A escala da nova cidade de Boughezoul não deixa de ser impressionante, relevada e como podemos verificar pela imagem em cima, pelo facto de atualmente e num raio de várias dezenas de quilómetros não existirem vilas de média ou grande dimensão. Outros projetos como Sidi Abdellah, a zona do Bardô em Constantine, e grandes porções das cidades de Setif e Djelfa, afiguram-se ser os próximos a implantar, caso a estabilização política argelina pós-Primavera Árabe se venha a verificar.

Pode concluir-se que uma espécie de megalomania está instalada em muitos dos futuros projetos a serem desenvolvidos na Argélia, desejando-se que com participação assídua de arquitetos portugueses, na continuação dos 10 anos da sua presença de uma forma mais marcada em território argelino.

<sup>3</sup> A vermelho: área atualmente ocupada pela vila de Boughezoul; A azul: área atualmente ocupada por zonas militares e de exploração de gás e petróleo; A verde: a área que irá ser ocupada pela Nouvelle Ville, de acordo com o plano aprovado e onde já são visíveis algumas escavações e arruamentos em desenvolvimento.

## 6. A Habitação Tradicional nos *Hauts Plateaux* (1960-1980)

No seguimento da reflexão sobre o percurso demográfico e socioeconómico da população que habitava no início da década de 1960 a região dos *Hauts Plateaux*, pensa-se ser importante abordar adicionalmente a temática da habitação. De acordo com os momentos atrás já definidos, pretende-se caracterizar os modos de habitar desta população em trânsito como já referido na região dos *Hauts Plateaux* (1960-1980), nos arredores dos aglomerados urbanos do litoral (1980-2010), e nas *Nouvelle Villes* (2010 em diante).

A primeira referência que surge quando analisamos o género de habitação tipificada nesta época e local é a sua adaptabilidade garantida ao longo de séculos de evolução por tentativa e erro. É uma arquitectura feita e aperfeiçoada pelo povo e para o povo, acabando de uma forma simples por cruzar as suas necessidades culturais, vivências e religião. Esta característica será repetida, como podemos confirmar mais à frente neste artigo, na habitação-tipo desenvolvida nos arredores dos grandes aglomerados urbanos do litoral entre 1980 e 2010. Não estará no entanto presente no desenvolvimento das *Nouvelle Villes* em projecto ou no caso de Boughezoul já em construção, dado que a sua dimensão megalómana acaba por afastar a população da sua fase de concepção, não havendo tampouco uma arquitectura participativa por parte dos arquitectos argelinos, que melhor entendem a sua cultura. Mais adiante será ainda notório que temos então um género de habitação a ser projectada por ocidentais, à sua imagem, com algumas *collages* de elementos árabes de forma aleatória, provocando um total desenraizamento da população que ocupará estas habitações.

Esta habitação tipificada nesta região, e no período entre 1960-1980, tem uma materialidade sempre pobre, usando materiais como a madeira e a argila arenosa, e muitas vezes confunde-se com a paisagem desertificada, tendo como objetivo o refúgio na mesma, de acordo com a investigação de L. Sriti e K. Tabet-Aoul. Antes mesmo de uma habitação estar concluída já o é, uma única parede, sempre a primeira a ser construída com a orientação correcta, servia de protecção do *Vent Sable* sazonal. Nas planícies desertas sem outro meio de salvaguarda destes ventos cortantes, acaba por ser em volta de uma única parede como obstáculo artificial, que as primeiras construções começaram a surgir. Algumas vezes apenas com o colocar de panos ou ramos de árvores.

Como é de prever, a pluviosidade acaba por não ser um factor evolutivo destas habitações, que têm como principais elementos externos definidores o *Vent Sable*, como atrás foi referido, e a exposição/ orientação solar. A reduzida fenestração é exemplo disso, mas também é consequência dos materiais utilizados que acabam por não permitir tecnicamente a abertura de vãos de grandes dimensões na fachada. Por este motivo, a habitação típica desta geografia, no tempo referido, apresenta muitas vezes uma planta centralizada em volta de um pátio interior de distribuição entre as diversas zonas da habitação, coberto, na maioria da sua área, por madeira ou grandes pedaços de pano.

Todas as divisões acabam por ‘se virar’ para este pátio funcional interior como forma de obtenção de iluminação natural e ventilação. Por norma, seria neste pátio que grande parte dos eventos mais sociais da habitação teria lugar, a par da sala social. Este átrio interior multiusos acabava por ser então o ponto de encontro entre dois percursos dentro das habitações mais ricas desta época, aquele ocupado pela mulher, mais ligado às lides da habitação, e o percorrido pelo homem, mais social e com maior grau de liberdade. Vemos portanto uma ligação bastante vincada e directa entre os quartos e a cozinha, e uma outra entre o exterior, pátio atrás referido, e sala social. Toda a vivência exclusivamente familiar, e de acordo com a investigação de M. Hadeid, teria lugar na cozinha que, dada a escassez de materiais existentes, acabava por ser «escavada» nas próprias paredes da habitação, criando-se apenas uma pequena zona de balcão, tal como podemos observar na imagem seguinte.

**Figura 9. Habitação típica, localizada nos arredores de Médea, (1963): Fachada exterior, Pátio Interior Multiusos, Cozinha**



Fonte: De cima para baixo e da esquerda para a direita: <http://www.vitamedz.com/maison-traditionnelle-a-garta-cne-de-sidi-okba-w-biskra/>; <http://www.vitamedz.com/garta-habitat-traditionnel/>; <http://azititou.wordpress.com/2012/04/17/les-maisons-traditionnelles-dalgerie-maison-kabyle-axxam/>.

Todos os utensílios utilizados eram simples e rudimentares, com especial referência para o tradicional forno de barro observável no lado direito da última imagem.

Algumas habitações mais tardias e com maior dimensão acabavam por ter uma zona de terraço na cobertura, acessível por uma escada através do pátio central, servindo para secagem de alimentos e produtos agrícolas, depois armazenados numa zona do pátio interior, por ser a área da habitação menos exposta às altas temperaturas que comumente se registam. Numa extensão da lógica atrás referida de que uma única parede, começa por ser em si só já uma habitação pela protecção que fornece perante o *Vent Sable*, quando construída o volume da habitação típica, acaba por proteger a zona exterior reservada à criação e abrigo dos animais criados para consumo e transporte. Pode-se resumir esta tipologia como reflectindo intrinsecamente o modo de habitar e a cultura árabe, sendo bastante relevadora das pessoas que a habitam e que a pensaram, por tentativa e erro, com base no conhecimento de gerações.

## 7. A Habitação nos Subúrbios – Cidades do Litoral – Argel (1980-2010)

Como é possível notar pela descrição da habitação dos *Hauts Plateaux*, no período 1960-1980, esta população é bastante virada para a vida agrícola e de criação de animais, tendo uma forte componente social dentro de uma comunidade estável e enraizada. Um mundo em evolução, e como os primeiros pontos do presente artigo demonstram, promoveu um êxodo rural de Sul para Norte (do interior para o litoral), de grande parte da população, que começou a fixar-se nos aglomerados urbanos encostados ao Mediterrâneo.

Acabou por ser um processo que movimentou um enorme número de pessoas, num curto espaço de tempo, e a conjugação destes dois factores acabou por motivar um crescimento desordenado dos subúrbios das grandes cidades argelinas. Construídas ou desenvolvidas durante o domínio francês, muitas destas cidades acabaram por ser um exemplo e campo de experimentação de diversos modelos de Urbanismo. Por isso mesmo, são visíveis diversos exemplos de núcleos históricos destas cidades bastante consolidados, por vezes até bastante ortogonais à imagem ocidental. Como consequência do elevado êxodo rural atrás aludido, o que observamos hoje em dia são cidades que se estendem por áreas bastante grandes mas com um núcleo central histórico proporcionalmente com dimensões bastante reduzidas.

À semelhança do passado por exemplo em Lisboa, a população que veio do interior não se fixou, por incapacidade económica, no centro da cidade, construindo radialmente os subúrbios que ainda hoje acabam por ocupar. O que acabou por divergir do caso da cidade de Lisboa é que o grande *boom* construtivo com recurso a construtores e promotores privados não ocorreu. O Estado, ainda hoje o principal promotor habitacional da Argélia, por falta de capacidade ou falta de preocupação social, acabou por não acompanhar os movimentos desta população, permitindo uma ocupação desordeira do espaço disponível. Não é por isso de estranhar que, numa primeira fase, e como podemos ver numa das imagens em baixo apresentadas, tivessem sido construídas *Bidon Villes*, bastante presentes inclusive até aos nossos dias. As pessoas acabavam por transpor nas habitações destes bairros de lata os reflexos das pequenas cidades do interior de onde eram oriundas, não se vivendo, na verdadeira aceção da palavra, o conceito de Cidade. O barro foi trocado pelo tijolo, sendo que os percursos internos da habitação seriam mantidos.

Em meados dos anos 1990, e já com alguma estabilização social e familiar da primeira geração de deslocados para as grandes cidades, começaram a surgir aquilo que, em paralelismo para o fenómeno português, podemos apelidar de Áreas Urbanas de Génese Ilegal (AUGI). De génese ilegal até aos nossos dias, dado que, mesmo em Argel, os programas de legalização deste género de construções não existem, estas habitações acabam por ter algo importante em comum com as do período e espaço do capítulo anterior: são construídas pelo povo e para o povo. Não é de estranhar, por isso, que princípios como o pátio interior e a pouca fenestração continuem a persistir, apesar das técnicas e materiais agora utilizados (betão e tijolo), permitirem outro tipo de fenestração/ tipologia.

**Figura 10. Vista de Rua/ Estrada, Habitação social e “*Bidon Villes*” nos arredores de Argel (2010)**





Fonte: De cima para baixo e da esquerda para a direita: Pedro Mezia Lopes, 2010, rua de Argel; Ministère de l'Habitat et de l'Urbanisme; B. Hofmann, 2007, Bidonville em Argel.

Pela análise aos arredores de Argel hoje em dia, pode afirmar-se com um elevado grau de certeza que o paralelo com Portugal, nomeadamente com as AUGI que rodeiam as cidades no norte do país, é mais evidente do que com as que rodeiam a cidade de Lisboa. Analisando a reflexão e o retrato do País nestas zonas específicas que pretende ser a obra de Álvaro Domingues, *A Rua da Estrada*, o carácter também comercial deste género de habitação é desde logo evidente. Como é possível de certa forma observar pela análise mais minuciosa à imagem atrás colocada (em cima, do lado esquerdo), a habitação desenvolvida neste momento referenciado tem uma componente habitacional mas também mercantil, transformando por isso a própria estrada em rua, com todas as dificuldades infraestruturais que essa situação acaba por acarretar, que acabam por não ser pensadas, ficando para segundo plano.

Outro aspecto também interessante da habitação típica desenvolvida neste período é a falta de decoração exterior e, acima de tudo, o seu carácter evolutivo, sendo que está pensada para que a sucessão familiar possa habitar um piso a construir por cima dos existentes, deixando-se muitas vezes elementos estruturais – pilares – em ‘espera’ para que possam ser utilizados aquando dessa transformação tipológica. Este carácter acaba por ser um ponto em comum com as habitações que esta população habitou no interior antes da sua migração para o litoral, sendo que era frequente que uma nova ala da habitação já existente fosse criada para albergar a descendência, que entretanto se torna mais independente, mas sempre com fortes ligações familiares. Culturalmente esta presença e importância dos mais velhos são bastante centrais na cultura árabe, como é evidente nos textos presentes na obra *La Population d'Algérie*, do CICRED (1974).

Conforme já foi referido, na Argélia, e até aos nossos dias, o Estado assume para si a função de maior promotor habitacional, sendo que, desde os finais da década de 1990, tem vindo a implementar uma política bastante direccionada para a construção de bairros sociais, como aquele visível na imagem atrás colocada (do lado direito). É possível afirmar-se que são raros os exemplos bem-sucedidos de habitação social existentes em território argelino, podendo concluir-se que o tipo de habitação nas AUGI existentes promove um modo de habitar mais coerente histórica e culturalmente.

No presente, assiste-se a uma grande modificação das tipologias dos apartamentos projectados por parte de quem os habitam, sendo que é interessante verificar que essa alteração acaba por ser maior nos bairros sociais projectados mais recentemente por grandes empresas internacionais, ou construtoras numa lógica de concepção/construção.

Chega-se à conclusão pela análise de diversos exemplos nos arredores de Argel, Oran e Annaba, que os primeiros bairros sociais construídos com participação de arquitectos exclusivamente argelinos acabam de certa forma por respeitar a cultura e formas de habitar da população que irão albergar porque, acima de tudo, a

compreendem. Situação que não acontece nos bairros sociais construídos mais recentemente, e fazendo uma ligação para o ponto seguinte, não acontece em bastantes casos nas *Nouvelle Villes* em projecto, ou no caso de Boughezoul já em construção.

## 8. A Habitação nas *Villes Nouvelles* – Boughezoul

Este ponto, ao contrário dos anteriores, não pretende caracterizar a habitação ‘típica’ destas *Nouvelle Villes* (em projecto ou construção no período pós-2010) porque simplesmente não existe uma solução arquitetónica tipificada da mesma. Os *ateliers* e empresas de construção argelinas não têm, de momento, capacidade técnica e logística para dar resposta a estes projectos já atrás referidos como megalómanos. Não têm tampouco a competência logística para concorrer aos concursos internacionais lançados para estes projectos, ficando portanto, na maioria dos casos, de fora da concepção destas cidades.

O que têm em comum com as habitações tradicionais dos *Hauts Plateaux* (1960-1980)? Nada. Que herança cultural, social, religiosa acabam por buscar como inspiração? Quase nenhuma. São produtos, na maioria dos casos, de uma interpretação externa de arquitectos vocacionados para a ‘produção em massa’ de arquitectura. Os teóricos argelinos não são ouvidos no processo, não existe integração dos mesmos numa equipa pluridisciplinar, e a própria decisão dos vencedores destes concursos internacionais de arquitectura é tomada por políticos.

**Figura 11. Perspectivas de Rua do projeto da *Ville Nouvelle* de Boughezoul (2011)**



Fonte: Caderno de Encargos do concurso de empreitada ganho pela empresa Sul Coreana - Daewoo Engineering & Construction Co.

Salvo raras exceções, a tradução ocidental da cultura árabe faz-se de uma forma demasiado imediata, demasiado superficial. São usadas as já referidas *collages* de elementos árabes, como padrões, arcos, como podemos observar nas imagens em cima, de forma mais ou menos aleatória. As tipologias usadas nos apartamentos são as mesmas que é possível vislumbrar-se num qualquer aglomerado urbano em redor de uma qualquer cidade ocidental. Não existindo nenhum dos percursos ao nível do programa existente, não subsiste a promoção de um espaço exterior de união familiar e da comunidade.

Existe a obrigação deontológica de, no dever do exercício da actividade de Arquitecto, promover-se o Território em todos os seus parâmetros. A ‘Arquitetura Paraquedas’ desenvolvida por bastantes *ateliers* ocidentais actualmente na Argélia é moralmente errada, regrando-se apenas por perspectivas economicistas. Caso não exista uma mudança de atitude, este mercado que se poderia configurar como uma excelente oportunidade nas próximas décadas, poderá estar a ser minado.

## BIBLIOGRAFIA

- Aidoud, F. (1984), "Contribution à la connaissance des groupements à sparte (*Lygeum spartum* L.) des hauts plateaux sud oranais. Etude phyto-écologique et syntaxonomique", Tese de Licenciatura da Universidade de Ciências e Technologies H. Boumedienne de Argel.
- Boulahbal, B. (2008), "Les besoins sociaux à l'horizon 2025", in VV.AA., *L'Algérie de Demain – Relever les défis pour gagner l'avenir*, Fundação Friedrich Ebert.
- CICRED (1974), *La Population d'Algérie*.
- Daget, P. (1978), "Ecologie générale et prairie permanente: de la réflexion fondamentale à l'application", Tese de Doutorado na Université des Sciences et Technologies de Montpellier 2.
- Djebaili S.I, Djellouli Y. e Daget P. (2010), "Les steppes pâturées des Hauts Plateaux algériens", Université des Sciences et Techniques H. Boumedienne, Algiers.
- Domingues, A. (2009), *A Rua da Estrada*, Dafne Editora.
- Engelfried, N. (2011), "Algerian City to Slash Carbon Energy and Emissions", entrada no blogue *CleanTechies.com*, 19 de Janeiro de 2011.
- Hadeid M. (2008), "Approche anthropique du phénomène de désertification dans un espace steppique: le cas des hautes plaines occidentales algériennes", *Vertigo*, VIII (1), Abril.
- Hadeid, M. (2009), "Politiques de développement régional dans les Hautes Plaines occidentales algériennes: un bilan mitigé", *Développement durable et territoires* [En ligne], 26-05-2009, disponível em <http://developpementdurable.revues.org/8190>.
- Imbert, C. (2005), "Les ancrages des habitants des villes nouvelles franciliennes: des bassins de vie en construction », Tese de Doutorado em Geografia na Université Paris I en Géographie.
- Office National des Statistiques (2008), RGPH (Censos Argelinos), disponível em <http://www.ons.dz>.
- Pachaud, E. (2006), "Villes nouvelles: du concept à la réalité", *EspacesTemps.net*, Março.
- Sriti, L. e Tabet-Aoul, K. (2004), "Evolution des Modèles D'Habitat Appropriation de L'Espace: Le cas de L'architecture domestique dans les Ziban", *Courrier du Savoir*, n.º 5, Junho, pp.23-30.